

CULTURA MATERIAL: INVESTIGANDO NO TRABALHO E NA MATÉRIA AS CATEGORIAS DE PENSAMENTO

Mário JARDIM

UFRJ

*“Quero dar graças ao Divino
Labirinto dos efeitos e das causas
Pela diversidade das criaturas
Que formam este singular universo,
Pela razão, que não cessará de sonhar
Com um plano do labirinto”*

Jorge Luiz Borges

RESUMO

O presente ensaio pretende através da associação entre os conceitos de Imagens Fundamentais, de Bachelard, e de Categorias Básicas do Pensamento, de Durkheim e Mauss, estabelecer uma via de aplicação, na prática artístico-artesanal, da argumentação bachelardiana que defende o trabalho com o possível espaço para a produção do conhecimento. E, a partir disso, adotar o aprendizado das técnicas como prerrogativa metodológica na pesquisa sobre cultura material: Antropologia da Arte.

ABSTRACT

This essay intends to make an association between the concepts of Fundamental Images, of Bachelard, and of Basic Categories

of Thinking, of Durkheim and Mauss, establishing an application method, in the artistic and craft praxis, of the Bachelardian argumentation which presents the work as a possible field for the production of knowkledge. Then, to adopt the learning of thechniques as a methodological prerogative in the research about material culture: Anthropology of Art.

I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado para a avaliação final das disciplinas **Pensamento Filosófico Contemporâneo** e **Pensamento Estético Contemporâneo**. Tomei a liberdade, após informar-me dos critérios exigidos para os trabalhos, em apresentar apenas um trabalho para as citadas disciplinas. Eu o fiz por acreditar que as questões aqui desenvolvidas se referem indistintamente aos dois campos abordados durante as aulas: as investigações acerca da ciência do conhecimento em Bachelard e suas incursões estéticas, ambos desembocando em abordagens complementares nas afirmações de um pensador apresentado em aula, de forma recorrente, como o filósofo do homem diurno, o homem da ciência e do homem noturno, do homem da arte. Espero, pois, estar atendendo a esses critérios e aos interesses específicos de cada uma das Professoras, **Marly Bulcão e Miriam de Carvalho**, que foram até agora muito compreensivas e atenciosas em relação a dilatação de todos os possíveis prazos que estive praticando até o dado momento.

A proposta desse trabalho é correlacionar as imagens fundamentais que encontramos na epistemologia bachelardiana com as categorias de pensamento na forma como se apresentam nas propostas sociológicas de Durkheim e Mauss. E a partir dessa correlação, apresentar como metodologia fundamental ao estudo das questões estético/técnicas, nas abordagens da "Cultura Material" - substrato, resíduo e testemunho último das culturas - por parte dos cientistas, o aprendizado do fazer e, quando possível, de todos os possíveis desdobramentos nele envolvidos. Trata-se de defender aqui, o uso do trabalho, o aprendizado das técnicas e dos fazeres cotidianos como manobra privilegiada de acesso a certas dimensões

da existência social onde categorias básicas do pensamento seriam mencionadas/articuladas apenas durante as já mencionadas práticas do fazer. Estaríamos defendendo mesmo, a especificidade do fazer como um campo articulador da cultura e das relações sociais na geração do conhecimento.

A utilização do pensamento Bachelardiano se justificaria a partir da defesa que esse pensador faz quanto a importância do trabalho e do enfrentamento sujeito/objeto na construção do conhecimento.

Dessa forma, nossa proposta nesse ensaio passa a ser então, tentar, correlacionando imagens fundamentais do pensamento bachelardiano com a idéia de categorias básicas do pensamento, que Durkheim e Mauss elaboram para a antropologia, fazer a defesa do aprendizado das práticas artesanais, por parte do pesquisador, como metodologia indispensável às pesquisas que tenham por objetivo alcançar os mais variados aspectos da prática artística/artesanal. Acreditamos que isso já ocorre como regra na prática de alguns pesquisadores e de algumas áreas específicas do conhecimento como por exemplo, a Etnomusicologia em sua metodologia que induz o pesquisador à reprodução fiel dos artefatos musicais e a execução, posterior, das peças musicais que aprendeu com os nativos.

Espero poder abordar, mesmo que superficialmente, essa discussão que ainda se apresenta complexa e carente de maiores referências. Não é minha intenção aqui maiores voos, apenas um exercício introdutório nesse campo da filosofia tão novo para mim. Desejo, com esse alerta, me eximir ou minimizar os eventuais erros e más interpretações em que possa incorrer.

II - DEVANEIO E TRABALHO

Segundo Durkheim, podemos encontrar na base de nossos processos mentais um número de noções essenciais que orientam nossa vida intelectual. São elas, as noções de tempo, espaço, gênero,

número, causa, substância, personalidade, tamanho, velocidade, vazio, cheio, ausência, etc. "Seriam como a ossatura do inteligência." (Durkheim, 1983:211)

Essas categorias básicas do pensamento, viabilizariam a capacidade intelectual humana por sua natureza elementar. Pois seriam os componentes mínimos das representações que o ser social manipula na construção da reflexão.

Segundo Durkheim, a vida mental do indivíduo, semelhante a vida social, é feita de representações e que essas representações são comparáveis. (Durkheim, 1970:13, 14)

(...) "a vida psíquica é um curso contínuo de representações, de tal forma que nunca se pode dizer onde uma começa e outra acaba. Elas se interpenetram. Por certo, o espírito consegue pouco a pouco distinguir suas partes." (Durkheim, 1970:22)

Para Durkheim e, inclusive, para Mauss, a consciência é a constituição de um "um fluxo contínuo de representações que se perdem uma nas outras e, quando começam a aparecer distinções, são todas fragmentárias.

"Isto está à direita e isto está à esquerda, isto é do passado e isto é do presente, isto se parece com aquilo, isto acompanhou aquilo" (Durkheim & Mauss, 1981:402)

Esses pensadores afirmam inclusive que essa fragmentação/classificação encontram contraponto na própria sociedade.

"A sociedade não foi simplesmente um modelo segundo o qual o pensamento classificador teria trabalhado; foram seus próprios quadros que serviram de quadros ao sistema. As primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens nas quais tais classes foram integradas. Foi porque os homens estavam agrupados e viam-se em pensamento em forma de grupos que agruparam idealmente os outros seres, e as duas maneiras de agrupamento começaram a

confundir-se a ponto de se tornar distintas.” (Durkheim & Mauss, 1981:451)

Durkheim afirma que essas categorias de pensamento encontram sua gênese no seio religioso. Pensamos poder estender essa posição aos campos da arte.

Dagognet ao falar do pensamento de Bachelard introduz a idéia de imagens fundamentais. Talvez possamos traduzi-las por categorias de pensamento. Dagognet ainda afirma que “o antropólogo, amigo do homem, deve entrar nas imagens, permanecer aí, ressuscitá-lhes a animação”. (Dagognet, 1965:33)

A proposta de elaborar um ensaio a respeito dos aspectos subjetivos na análise da cultura material se deve ao fato de percebermos que, mesmo quando tais questões são abordadas o são de forma pouco explícita.

Acredito que resida na análise dessa área específica um preconceito de natureza filosófica, pelo menos no quadro da Antropologia, de que a matéria e os objetos são do domínio do real e, por esse motivo, as reflexões a esse respeito devam ser de orientação objetiva, referendando-se sempre aos elementos observáveis da vida social.

O próprio Bachelard fala-nos da urgência de uma “vigilância hostil” à abordagem dos objetos que nos ilude com a objetividade que promete pela simples evidência de sua existência material. (Bachelard, 1972:10)

Temos aqui a afirmação de uma preocupação com os aspectos materiais do objeto. É necessário fazermos uma distinção entre os aspectos formais e materiais da cultura material.

A intenção aqui é pela adoção de um materialismo científico que leve em conta os aspectos propriamente materiais.

Como afirma Bulcão, o pensamento bachelardiano “impõe a penetração na intimidade mesma da matéria em lugar de apenas sobrevoar em torno dos objetos como acontece com os filósofos que adotam a atitude contemplativa.” (Bulcão, 1990, 215)

É, segundo Bulcão, a defesa de um racionalismo que, comprometido com a ciência contemporânea, busca a dinâmica da renovação do conhecimento. (Bulcão, 1990: 201)

“Bachelard como químico do novo espírito científico que viveu sua infância no campo num contato íntimo com a natureza, propõe um racionalismo do trabalho”, que é atuante, produtor e transformador, pois se desenvolve através do confronto com a resistência da matéria” (Bulcão, 1990: 201)

O racionalismo bachelardiano orienta-se num novo caminho em relação ao racionalismo contemplativo que, segundo Bulcão, se caracterizava por um exílio no centro da reflexão que perdia-se na consideração exacerbada dos valores e beleza das formas.

A ruptura e renovação, considerada no pensamento bachelardiano, reside na tomada da matéria, da resistência e do trabalho que ela impõe ao sujeito.

“Bachelard, rompendo as barreiras do puro pensar, instalou-se na materialidade do mundo, procurando senti-lo com o corpo e com a mão, mostrando que o racionalismo que se baseia na matéria confere novo vigor à ciência, tornando-a produtora e transformadora, na medida em que a faz uma ciência das criações materiais.” (Bulcão, 1990: 202)

Bachelard confere assim ao racionalismo um caráter menos absoluto e dogmático sem contudo romper de todo com o idealismo o qual ele próprio identificava como sistema filosófico detentor dessas características. O que se identifica em Bachelard e uma original mescla de idealismo e materialismo. No pensamento bachelardiano “posturas consideradas contrárias e excludentes, deixam de ser antagônicas” (Bulcão, 1990: 202) em função do caráter dinâmico que ele imprime a elas. Dessa forma Bachelard constrói um “materialismo racional” ou um “racionalismo materialista” comprometido com o dinamismo e a transformação quando faz conviver idealismo e materialismo numa relação dialética enriquecedora.

“O materialismo de Bachelard se apresenta sob dois aspectos: como materialismo científico nas obras em que analisa os aspectos materialistas da ciência contemporânea e como exaltação da imaginação material, na medida em que Bachelard mostra na via poética a imaginação criadora como decorrência do contato provocador da matéria” (Bulcão, 1990: 208)

Bachelard apresenta-nos o problema da abordagem científica do objeto chamando atenção à distinção entre o que seria o “fenomenologia do objeto” e a “fenomenologia da matéria”.

A crítica que esse pensador desenvolve baseia-se na constatação de que reina a confusão entre matéria e objeto quando da recusa idealista ao contato.

“(…) sem a resistência da matéria, uma filosofia da vontade permanece, como é bastante visível na filosofia de Schopenhauer, uma filosofia idealista.” (Bachelard, 1990: 21)

Segundo Bulcão, a crítica bachelardiana destaca três posições filosóficas que percebem a matéria apenas como objeto, reduzindo-a à forma subestimando os domínios propriamente materiais em favor uma abordagem em torno de seus aspectos simbólicos o que acaba por desembocar num “materialismo imaginário, ou seja, um materialismo que se detém em uma imagem da matéria e por isso mesmo é primitivo, infantil e ingênuo.” (Bulcão, 1990: 210) São eles: a fenomenologia de Sartre que desprezaria os obstáculos da matéria concentrando-se nas esferas do sistema de significação que estão em jogo na superfície dessa matéria compreendida aqui como objeto, suas funções e posições nas redes de significação da cultura; a doutrina filosófica do homo faber de Bergson por seu pressuposto de uma essencial percepção geométrica dos sólidos que imputa mais uma vez à matéria aspectos formais que dessa vez são de origem matemática; e a filosofia da vontade de Shopenhauer que, “considerando a matéria como o objeto de uma vontade pura, não alcança a ‘consciência de trabalho’ que advém do confronto direto com a instância material” (Bulcão, 1990: 211).

Essas posições tendem, desta maneira, a explicações da matéria pela forma geométrica (matemática) e pelos significados que os objetos desempenham (senso comum) numa sistemática recusa pela convivência íntima com a matéria e com os trabalhos que a transformam e informam sobre ela. Matéria na filosofia bachelardiana movimenta-se em duas instância. “A primeira instância específica da noção de matéria é a resistência.” (Bachelard, 1990: 19) Ela articula-se, atingida que é pelo contato íntimo que introduz os obstáculos e obriga ao trabalho, com a noção de “campo de obstáculos”, “consciência do trabalho” e “noção de situação”.

“O obstáculo suscita o trabalho, a situação não pode ser senão a topologia dos obstáculos; os projetos vão contra os obstáculos.” (Bachelard, 1990: 20)

A segunda instância é a da experiência das transformações materiais que evoca a “consciência misturadora”, aquela que se perturba com a transformação da matéria dando a entender a especificidade da consciência ante a matéria ou o objeto.

“(...) este intermaterialismo leva-nos a assistir por vezes, desde a mistura de duas matérias, até a tumefações, abalos, efervescências. Está-se perante uma ação verdadeiramente volumétrica. Como não pôr, perante tais fenômenos, a prioridade da matéria sobre a forma? Então seria a matéria que se daria uma forma, a matéria que manifestaria diretamente as suas potências de deformação. A própria matéria é que sai das prisões da forma. A forma não é trabalhada de fora, imposta de fora.” (Bachelard, 1990: 26)

De acordo com Bulcão o que está em jogo aqui “são as possibilidades de deformação da forma, impondo que se aceite que a forma é apenas um instante da matéria”. (Bulcão, 1990: 215)

No que diz respeito a sua poética, Bachelard revela as implicações materialistas da imaginação. Nas palavras de Bulcão, ele “procura ressaltar que a imaginação não é a faculdade de formar imagens, mas a faculdade de deformar as imagens apreendidas na percepção”. (Bulcão, 1990:216)

Contudo vale registrar que para Bachelard são dois os acessos ao conhecimento: o racionalismo do mundo da ciência e a imaginação no noturno mundo dos sonhos. O que se afirma então, é que o prejudicial a uma esfera da busca humana seria de muita utilidade na outra.

Valorizando assim os espaços do onírico, Bachelard também o compromete com a matéria da mesma forma como o fez com o racionalismo científico. Bachelard afirma então que o contato íntimo com a matéria também será um motor às experiências da imaginação tornando-a tão criativa quanto a ciência.

Segundo Bulcão, no pensamento bachelardiano existem duas distinções de imaginação: a formal (geometrante, presa a exterioridade das arestas e fruto da contemplação de formas e cores) e a material (dinâmica, instauradora da psicologia da resistência e aceleradora do psiquismo através do fluxo de imagens que promove).

Comprovando a existência desses dois materialismos (o científico e o do devaneio) pode-se afirmar que é na valorização trabalho (criador de imagens) que tal pensamento encontra sua implicação contradizendo a definição sartriana de uma imagem reflexo do real. (Bulcão, 1990:218,219)

“Referindo-se à idéia sartriana do viscoso Bachelard conclui, contrariando Sartre, que o viscoso, não é um modelo simbólico do perigo, é uma provocação sob a forma de matéria, pois nos incita à manipulação, nos obriga a transformá-lo em massa, acrescentando-lhe um pouco de farinha que lhe mudará a consistência. Exaltando o trabalho manipulador do padeiro e do cozinheiro, Bachelard nos ensina a alquimia da cozinha, mostrando que imaginar é amassar, é esmagar, é sentir o mundo com o corpo e com a mão.” (Bulcão, 1990: 219)

Toda essa preocupação em torno do trabalho e do corpo revelam também os embates desse pensamento em relação a escravizante ocularidade, que se impôs como “preguiça” contemplativa à filosofia e à ciência.

“a cidade cultural do materialismo não cede a qualquer outra em potencialidade e que esta cidade cultural é susceptível de determinar reações de consciência muito profundas.” (Bachelard, 1990: 11)

Buscamos também no pensamento bachelardiano uma noção de cultura popular que nos fosse operacional na proposição de uma metodologia de abordagem da arte/artesanato que privilegie o enfrentamento com a matéria em prejuízo ao abuso da valorização da forma e seus significados. Podemos antever a idéia de cultura popular ou senso comum em afirmações como esta de Bachelard: “a alma ingênua” (Bachelard, 1972: 11)

Bachelard afirma que antes de realizar a obra o artista “conhece o devaneio que medita sobre a natureza das coisas.” (Bachelard, 1985: 26)

“Todas as obras do mestre são meditações sobre a substância. A substância é nelas tomada em seu ato, no ato que dá as formas, nessa finura de ser que varia as colorações. Abundam provas de que uma imaginação completa deve imaginar não somente as cores e as formas, mas também a matéria em suas virtudes elementares. Na matéria estão os germes da vida e os germes da obra de arte.” (Bachelard, 1985: 35, 36)

Acredito podermos afirmar uma correlação entre a cultura como um todo, quando estamos a tratar de sociedades simples, como uma poética no sentido que Bachelard faz da arte ocidental. As mitologias, as artesanais, os ritos etc, seriam aqui abordados como etno-poéticas. Supomos mesmo, que é a isso que Bachelard se refere quanto a tradições.

“As tradições e os devaneios são consoantes: o verdadeiro ferreiro não pode esquecer os sonhos primitivos.” (Bachelard, 1985: 44) (Grifo nosso)

“O cosmos do ferro não é um universo imediato. Para abordá-lo é preciso amar o fogo, a matéria dura, a força. Não o conhecemos senão por atos criadores, corajosamente educados.(...) Esse singular ferreiro conduz

verdadeiramente sonhos de ferro, desenha com ferro, vê com ferro.” (Bachelard, 1985: 41, 42)

Bachelard afirma ainda, revelando a dimensão de sua reflexão para essa nova etnopoética, que o universo onírico, o universo do devaneio e do fazer tradicional seriam territórios da ação criadora da arte.

*“as **antigas condições do devaneio** não são eliminadas pela formação científica contemporânea.”*

*(...) “o **devaneio retoma constantemente os temas primitivos**, age constantemente como uma **alma primitiva**” (Bachelard, 1972: 14) (Grifo nosso)*

“Parece que podemos, passando das experiências positivas às experiências estéticas, mostrar com mil exemplos o interesse apaixonado do devaneio pelos belos sólidos que ‘posam’ infinitamente diante de nossos olhos, pelas belas matérias que obedecem fielmente ao esforço criador de nossos dedos.” (Bachelard, 1991: 1)

Bachelard estaria nos falando, por vezes, de uma busca através das substâncias água, ar, fogo e terra, elementos que inúmeras vezes sintetizam a generalidade da matéria, seja **alquimicamente** ou **mitologicamente**, de elementos que poderíamos traduzir como categorias de pensamento que nelas geram-se: água/profundidade, fluidez; fogo/efemeridade; ar, brisa, vento/leveza; terra/superfície, solidez.

Bachelard nos introduz os conceitos de imaginação formal e imaginação material e afirma que no caso da segunda, quanto à imagens dela advindas, são nomeadas pelo olhar mas conhecidas pelo tato. Essas imagens da matéria nos afastaria das formas que são aspectos passageiros, temporários da matéria. Essas forças formais e materiais agiriam juntas e seria difícil separá-las. A primeira imaginação seria a da alegria, das cores, do adornar-se, da sedução da superfície que se deixa ver e conhecer sem “resistência”, a segunda é a da densidade, do esforço, do trabalho que exige a “resistência” que impõe. Trata-se pois do embate entre as “imagens

que se mostram” e as “imagens que se ocultam” em um caminho “à própria raiz da força imaginante”. (Bachelard, 1989: 2)

Bachelard denuncia a “carência da causa material na filosofia estética” e questiona:

“Pareceu-nos, em particular, que se subestimava o poder individualizante da matéria. Por que se associa sempre a noção de indivíduo à de forma? Não haverá uma individualidade em profundidade que faz com que a matéria seja, em suas menores parcelas, sempre uma totalidade?” (Bachelard, 1989: 3)

Bachelard afirma que os “elementos materiais inspiraram as filosofias tradicionais e as cosmologias antigas.” (Bachelard, 1989: 3) (Grifo nosso).

“O pensamento erudito está ligado a um devaneio material primitivo, a sabedoria tranqüila e permanente se enraíza numa constância substancial.” (Bachelard, 1989: 4) (Grifo nosso).

Bachelard nos introduz a noção complexo de cultura que seria a opção por “imagens favoritas” que nos lançaria no limite entre a manutenção positiva da tradição e a mera repetição de fórmulas. “Cultivamos os complexos de cultura acreditando cultivar-nos objetivamente. O realista escolhe então sua realidade na realidade. O historiador escolhe sua história na história. O poeta ordena suas impressões associando-as a uma tradição. Em sua forma correta, o complexo de cultura revive e rejuvenesce uma tradição. Em sua forma errada, o complexo de cultura é um hábito escolar de um escritor sem imaginação.” (Bachelard, 1989: 19)

Afirma-se aqui então, uma oposição entre complexos originais e de cultura .

Esses conceitos aqui apresentados nos parecem reforçar a possibilidade no uso do pensamento desse filósofo para a reflexão de natureza sócio-antropológica. Estaríamos então tomando as práticas artesanais/artísticas como espaços de ação do conhecimento, seja na sua geração, manutenção ou disseminação. A arte primitiva/étnica tem dimensões ordenadoras do mundo social em intensidade

significativa e mesmo quando motivos e arranjos de ordem geométrica estão em jogo, sua ação estruturada do sociedade é extremamente eficiente. Somado a isso acreditamos que toda ação "material" de misturação, maceração, corrosão, subtração e adição entre substâncias, etc, são articuladoras não apenas dos conhecimentos pertinentes a própria prática, mas também, das variadas instâncias do conhecimento sustentador da existência social.

Gostaríamos de citar aqui o caso do Antropólogo que pesquisando a cerca da cosmogonia e cosmologia do povo Karib das Guianas foi convidado a aprender cestaria como único recurso para acessar essa dimensão do conhecimento. Nessa sociedade a compreensão e aprendizado das referidas questões são intimamente ligadas, onde o próprio processo criativo da cestaria articula tais conhecimentos sua manutenção ou mesmo transformação.

III - CONCLUSÃO

Esperamos poder afirmar, a partir da construção dos argumentos desse trabalho, que o aprendizado das técnicas é fundamental para o estudo da cultura material. Como nos fala, Michel de Certeau, pensador que gostaríamos de citar quanto as questões abordadas no presente trabalho, existe um "resto" da experiência humana que de uma forma geral é negligenciado pelas ciências do homem. Ele define esse "resto" como "tudo aquilo que, da experiência humana, não foi cativado e simbolizado na linguagem." (Certeau, 1994: 131)

Esse resto tenderia a se disfarçar, se fazer perder na multidão da existência popular. Seria encontrada nas práticas "ordinárias" do cotidiano. (Certeau, 1994: 132)

É necessário que tenhamos a compreensão de uma distinção fundamental, na história do pensamento ocidental, entre ciência e arte que as definem respectivamente, como "língua operatória cuja gramática e sintaxe formam sistemas construídos e controláveis, portanto escrevíveis; e técnicas a espera de um saber esclarecido e

que lhes falta.” (Certeau, 1994: 137) Mas Michel de Certeau não reduz sua distinção apenas nesses termos afirmando a seguir, a autonomia do universo do fazer:

A arte é portanto um saber que opera fora do discurso esclarecido e que lhe falta. Mais ainda, esse saber-fazer precede, por sua complexidade, a ciência esclarecida. (Certeau, 1994: 137)

É a partir dessa autonomia defendida por Certeau que sugeriríamos o auxílio das reflexões bachelardianas a respeito da importância do trabalho/embate material na construção do conhecimento, buscar as maravilhas de um conhecimento não verbal, de um conhecimento de expressão diferenciada no saber científico ocidental. Far-se-á então mais que o colecionismo e o simples descrever dos fazeres-cotidianos e, como vislumbra Certeau, será possível esperar que a “todas essas Gatas Borracheiras, a ciência transforme em princesas” (Certeau, 1994: 139)

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston

1972 - **A Psicanálise do Fogo**. Editorial Estúdios Cor, Lisboa.

1985 - **O Direito de Sonhar**. Difel, Difusão Editorial, São Paulo.

1989 - **A Água e os Sonhos**. Martins Fontes Editora, São Paulo.

1990 - **O Materialismo Racional**. Edições 70, Lisboa.

1991 - **A Terra e os Devaneios da Vontade**. Martins Fontes Editora, São Paulo.

BULCÃO, Marly

1990 - **Razão, Contemplação ou Trabalho**: Brunschvicg e Bachelard, críticos da Ciência. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ, Rio de Janeiro.

CERTEAU, Michel de

1994 - **A invenção do Cotidiano: artes do fazer**. Editora Vozes, Petrópolis.

DAGOGNET, François

1965 - **Bachelard**. Edições 70, Lisboa.

DURKHEIM, Émile

1970 - **Sociologia e Filosofia**. Editora Forense, Rio de Janeiro.

1983 - **As Formas Elementares da Vida Religiosa**, Col. Os Pensadores. Abril Cultural, São Paulo.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel

1981 - "Contribuição para o Estudo das Representações Coletivas", in **Ensaios de Sociologia**. Editora Perspectiva, São Paulo.